



NOTA DE DEFESA DE TESE

Título: Crisipo e Sêneca face à questão do tempo ou o tempo concebido como reflexo dos acontecimentos.

Autora: Mariana Monteiro Condé¹

Membros da banca: Prof. Fernando Rey Puente – Orientador (UFMG); Prof. Aldo Lopes Dinucci (UFS); Prof. Eduardo Boechat (UFRJ); Prof. Ricardo Salles (UNAM); Profa. Taynam Santos Luz Bueno (UFAL).

Resumo da tese:

Este estudo consiste numa proposta de confronto entre as concepções estoicas de Crisipo e de Sêneca quanto à temática do tempo. Sua origem remonta à uma intuição de que esta temática ocupa posição destacada na filosofia destes autores, ainda que sua justificativa, enquanto investigação, tão somente possa se dar na medida em que a articulação entre suas concepções – a qual parece longe de estar dada – vier a ser explicitada. Assim, buscaremos mostrar que há não apenas uma relação de diálogo entre tais perspectivas, como, ainda, de complementaridade – na medida em que ambas poderiam, cada qual a seu modo, concorrer para esclarecer uma à outra, assim como para enriquecer uma possível, ainda que variegada, concepção de tempo estoica. Com efeito, assim como Crisipo erigiria, na Atenas do século III a.C, uma teoria conforme a qual a distinção de alguns dos aspectos do tempo (*χρόνος*) nos permitiria, conquanto sua natureza contínua, concebê-lo enquanto um intervalo capaz de refletir acontecimentos e, assim, nos dar a conhecer o estatuto dos existentes (SVF II 509); Sêneca, na Roma imperial do século I d.C, exemplificaria e validaria a estratégia de Crisipo, ao verter na questão filosófica do tempo (*tempus*) o reflexo pensado da existência, razão pela qual a

¹ Doutora em filosofia pela UFMG. Pedro II (RJ).

recorrência desta temática em obras como as *Epistulae Morales* e o *De Brevitate Vitae* viria a se mostrar estratégia fundamental em favor do despertar da consciência filosófica e moral a partir da constatação da condição humana. De modo que, conquanto o confronto entre suas concepções permita depreender que tanto Crisipo quanto Sêneca partiriam de uma perspectiva comum – de que *o tempo constitui reflexo dos acontecimentos* – as nuances e tônicas, em consonância com a particularidade de seus métodos e propósitos, que cada um deles vem a lhe impor, terminaria por indicar uma transição de perspectivas na concepção de tempo estoica.

Palavras-chave: Crisipo; Sêneca; tempo; estoicismo.

Nota

Cinco foram os anos que levei para conceber a tese que ora defenderei diante de vocês, a qual, em sua origem, consistia em nada mais que um sonho. Uma semente que lançamos à terra sem estarmos certos se conterà em si mesma forças para vicejar, florescer e frutificar. Só que, sendo a terra eu mesma, deveria também cuidar de nutrir, por longo tempo, aquele sonho. E teria não apenas forças, senão, principalmente, coragem para mantê-lo vivo?

Evoco esse nome, sonho, porque o que carregava em mim era também uma forte aspiração, um desejo que parecia entrever na ocasião a hora e a vez de se verter em realidade sob o formato de estudo acadêmico. O que eu não desconfiava à época, contudo, era que esse mesmo sonho, repleção de imagens que se projetavam em minha alma, e que ora vejo sucedidas umas às outras, requeria ser realizado, ainda que com elevado custo, sob pena de, do contrário, perseguir-me por todo o sempre.

Afinal, como sugere meu conterrâneo, Márcio Borges, poeta que deu letra à canção *Clube da esquina II*, tornada célebre nas vozes de Milton Nascimento e Lô Borges, se homens também se chamam sonhos, esses mesmos sonhos, ao contrário dos homens que os sonharam, não envelhecem. Ficam como que pairando pelo ar, figurando feito inspiração ou frustração diante daqueles em quem apontam.

Talvez mesmo ainda mais. Porque os sonhos, em todos os seus desdobramentos, são capazes inclusive de superar aqueles que os sonharam. Não estão circunscritos a um tempo ou a uma época. Ao invés disso, parecem estar inscritos numa outra ordem, portadores de um destino próprio, em nada semelhante ao da efêmera e finita condição

que nos constitui. Constatar essa espantosa e até terrificadora verdade me fez perceber a tremenda dificuldade da tarefa diante da qual havia me colocado e proposto a encarar, que era a de garantir que aquela trajetória que supunha coincidente com meu sonho pudesse ser percorrida num tempo cuja extensão lhe seria extrinsecamente imposta. Um tempo outro, intervalo determinado pelo nosso mundo humano. Mas seriam este tempo e a ação capaz de fazer jus àquele sonho conciliáveis?

Astucioso é o feitiço que o tempo lança sobre nós se, descuidados, passamos a tomá-lo como mais importante que a realização de um sonho. Porque assim, passamos a atentar mais para o encerramento destinado a assinalar sua completude, do que à própria ação que o enseja, e que tão somente pode nascer, se estender e se espriar, amiúde, a partir daquele que sonha. Teria ainda forças, senão, principalmente, coragem para não me esquecer disso?

E é aí que minha história pessoal, mais precisamente, a do percurso que trilhei neste doutorado, se confunde um pouco com as reflexões que constituem o teor dessa tese. Afinal, passaram-se muitos outros tempos através desse meu sonho. Tempos que, inclusive, ajudariam a lhe dar corpo e robustez, visto também constituírem, para lembrar Sêneca, as muitas vivências que marcam nossa existência. Foi assim que, iniciado o doutorado, tive de deixar Minas Gerais para aprender a me tornar professora. Era um outro sonho, antigo, do qual já havia me esquecido, cruzando esse novo caminho. Atravessei a América Latina, até chegar ao México, quando passei a entrever sob muitas outras perspectivas os passos que havia dado, para, só então, fazendo cálidas as ideias no coração e, assim, amadurecendo o olhar, tornar ao mesmo lugar. No Brasil, todavia, já se instaurava um novo tempo, no qual não mais pude me reconhecer. A coisa foi se tornando dolorosa porque, quanto mais me esforçava, menos me sentia cabendo em algum lugar, naquele que era, anteriormente, o único lugar ao qual sentia pertencer. No meio da caminhada, nos intervalos entre um tempo e outro, vendo-me incapaz de entrever seu término, perdi as forças. Eu não sabia, sequer desconfiava que, nalgum momento da trajetória, em vigor e vivacidade, aquele sonho me ultrapassaria, enquanto eu me extenuava. Estaria eu mesma sucumbindo para lhe doar vida? De tantas intenções, contudo, pude colher alguns gestos. Mas, a tal ponto me envelheci na caminhada, que não raras vezes deixei até mesmo de carregar no olhar o brilho que aquele sonho costumava me inspirar. Só avistava seu fim, um término, quase um novo

sonho, só que o derradeiro, ainda por ser alcançado. Era como se a morte desse tempo para mim se aproximasse... e meu espírito, intuindo o fim, presentia como verdade aquilo que no corpo já se espraiava como entendimento tácito.

Hoje, chegando o momento derradeiro, aquele pelo qual, com algum tremor, tanto ansiei, é hora de tornar a olhar para trás. De modo a ver a coisa toda e inteira, prestes por se completar, para quem sabe assim, com alguma sorte, fazer-lhe um cômputo. A imagem que projetei desse dia, e que tantas vezes me perseguia e se me afigurava como algo temível, era nada mais que um esqueleto, carcaça do tempo e, quiçá mesmo, a mais vazia das formas com que se pode concebê-lo, porquanto descolada da ação que eu mesma, espraiando, empreendia.

Por isso, tão somente hoje compreendo: meus tropeços não se deram por incompreensões de conteúdo ou método, estas sim, verdadeiro aprendizado da caminhada, porquanto móveis para que nos refaçamos todos os dias em busca de nos aproximarmos da compreensão. Os tropeços que mais profundamente me marcaram, e por isso me pareceram golpes mais duros, foram todos aqueles em que, mirando o encerramento, e com ele o tempo como o avesso do que é – isto é, como se fosse um intervalo em que uma ação deve se encaixar; ao invés de um rastro que permanece como resquício de todo e qualquer movimento – perdi de vista que era na ação que se assentava a vida de que tanto necessitava para nutrir meu sonho.

Por outro lado, foram as assim chamadas pequeninas – mas não necessariamente sequenciais e lineares – ações, em cada dia desses cinco anos que então se completam, que me permitiram alcançar esse momento. Não que tais ações tenham me servido para, justapostas numa sequência progressiva, cumularem no hoje. Não! O tempo jamais se revelou algo outro que um contínuo. O que houve foi coisa diversa: como se em cada ação houvesse um passo significativo que se repetia, todo dia, só que de um jeito diferente. Com efeito, não haveria esse encerramento, a completude da caminhada, hoje, não tivesse apreendido algumas oportunidades a partir das quais, deixando por um momento de antecipar o fim, pude extrair – esquecida de todo o resto e, ao mesmo tempo, mergulhada em cada pequena iniciativa – a própria vida. Ou, para falar em linguagem estoica, nada disso aconteceria se não tivesse logrado apreender, não poucas vezes, o presente.

Mas, ao fim, algo mais avulta: o pensamento estoico, no qual transitei por estas linhas, tem mais um ensinamento que essa travessia me permitiu desvelar. Ele esconde muitos paradoxos. A *apreensão do presente*, única parte existente do tempo, porque na ação atual radicada, é a disposição a que nos conclama alcançar a ética estoica a partir de uma – vale aqui enfatizar, apenas uma – das faces daquilo que se apresenta. Ultrapassando os vários pontos cegos diante dos quais não raro deixamos de atentar ao que importa, outra perspectiva se abre: o apreender, que é um compreender, mas é também, e principalmente, um tomar ou confiscar algo para si – de modo a encetarmos um vínculo entre nós mesmos e o que nos circunda – só virá a perfazer seu destino quando assumirmos a disposição que em aparência se lhe mostra oposta, que é a de *nos entregarmos ao que se apresenta*. Para apreender, é preciso se entregar. Mas, para se entregar, é preciso também ter apreendido. Porque, o que hoje se revela com clareza, é que um ciclo só chega ao fim se nos dispomos a deixá-lo morrer e, assim, concluir seu propósito enquanto tempo. Tive de entender que isso valia não apenas para cada uma daquelas pequeninas ações que empreendia na jornada, senão, para a jornada por si mesma, que hoje, com certa dose de tristeza e saudade, vejo morrer, levando, consigo, um pedaço de mim. Que precisa mesmo morrer, para dar novos frutos.

Quanto ao sonho que um dia despontou em mim, cuja força extraí de meu próprio sangue, teimando para se realizasse... O que foi feito dele? Verteu-se, por fim, neste estudo acadêmico? A isto, posso responder, porque não apenas desconfio, mas, de tanto observar, acho mesmo que compreendi. Não, esse estudo não logrou realizar aquele sonho. E me arriscaria a dizer que nem mesmo que o tempo disponível para tal tarefa coincidissem com a extensão de toda uma vida, esse êxito seria logrado. Mas ele permanecerá para sempre feito inspiração, e não só me alegra como me emociona pensar que, por esses cinco longos anos, ele tenha dado sentido a tantas de minhas vivências. Seu valor, que hoje se mostra com clareza para mim, está em ser móbil para a ação, a qual, assim como quem a empreende, está destinada a um fim, para que outros ciclos e, com eles, novos vínculos, possam ser reiniciados e entretecidos. Já os sonhos, não, eles não envelhecem jamais.